



# Caim e Abel: da Sagrada Torá à Cabala da Inveja

Cain and Abel: from the Holy Torah to the Kabbalah of Envy

José Maria Rodrigues Filho  
Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo

**PALAVRAS-CHAVE:** BÍBLIA, CAIM, SARAMAGO, TORÁ.

**KEYWORDS:** BIBLE, CAIN, SARAMAGO, TORAH.

“Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim: negra como o terror, triste como Caim.”

Guerra Junqueiro

“Os seres humanos têm inveja de todos, exceto de seus filhos e discípulos.”

(Talmude Bab. San., 105b)

“As palavras devem ser pesadas e não contadas.”

(Proverbio iídiche)

“Se você viver o tempo suficiente, viverá para ver tudo.”

(Proverbio iídiche)

O termo “Torá” em hebraico significa “instrução” e num sentido ampliado, designa a totalidade dos ensinamentos de Jeová por toda sua criação. Há internamente nestas palavras uma dialética estabelecida temporalmente, configurando numa diacronia e sincronia latentes. Ao se questionarem os fatos nela narrados do ponto de vista diacrônico, uma coisa fica clara na iluminação que certos episódios trazem para o mundo hodierno. Por outro

lado, do ponto de vista sincrônico o alcance dos inscritos precisam de uma contextualização epocal e para tanto a historiografia, a paleontologia, a antropologia, a hermenêutica e outros segmentos do conhecimento humano relativos à História do Homem, são precedentes impossíveis de serem renegados.

Por esse motivo, houve-se por bem em transcrever o texto hebraico da Gênese em sua completude para que os conteúdos estivessem organizados em torno do propósito de busca das fontes judaicas quanto ao conflito fraternal posto em causa. Assim os parâmetros sincrônicos e diacrônicos se harmonizam ao se assegurar num étimo para futuras conjecturas, com a possibilidade de se estar diante das origens do *Velho Testamento*. A Vulgata acabou resumindo algumas passagens, daí a razão da etimologia como forma de ampliar as implicações do tema através do pensamento judaico.

Mas, antes é hora de ser chamado o texto de José Saramago de um de seus últimos livros, *Caim*. Trata-se da questão temporal utilizada nesta obra, ou seja a questão do passado no presente e o futuro no presente. Lógico trata-se do presente da narração, o tempo literário que engendra o livro. No caso, este procedimento policronológico se encaixa nos parâmetros da velha *Tora* com o *Velho Testamento* cristão.

No episódio em que Caim sai do palácio de “Lilith” com seu burro a andar o caminho de mais aventuras, ao se deparar com um vale todo verde em oposição do que vinha trilhando atrás, conclui tratar-se de uma das artimanhas do Tempo. Lógico que o verde é a Israel de hoje, arrancando do deserto de Neguev a agricultura tão necessária e o esquema temporal é tratado literalmente nas sentenças assim pinceladas: “Era como se existisse uma fronteira, um traço a separar dois países, ou dois tempos...” (Saramago, 2009, p. 76). Ou seja, pela ficção Saramago articula os tempos a partir do presente e assim passa presente no futuro ou futuro no presente. E assim segue-se o episódio de Caim e Abel na Gênese do Torá.

Para tanto, segue-se na íntegra o episódio do assassinato de Abel por seu irmão Caim, extraído da Torá.

#### ***Caim e Abel***

4:1 – Adão separou-se de Eva depois de desobedecer ao mandamento Divino de não comer o fruto da Árvore do Conhecimento. **Mas**, conforme mencionado acima, **o homem conheceu** carnalmente **sua mulher Eva** antes de sua expulsão do Jardim do Éden, **e**, quando ele o fez, **ela concebeu e** pouco tempo depois **deu à luz** gêmeos, um filho e uma filha. Esse fenômeno da gestação breve voltará a ser norma na era messiânica. Ela chamou o filho **Caim** [Cain], **dizendo**: “**Adquiri** [caniti] **um homem junto com Deus**”. Eva expressou júbilo por ser parceira de Deus na criação

de um ser humano. Essa foi a primeira vez que isso ocorreu, pois ela e Adão haviam sido criados unicamente pelo Próprio Deus.

2 – Logo depois de dar à luz Caim e sua irmã gêmea, **ela** concebeu e **deu à luz de novo – seu irmão Abel** e duas irmãs gêmeas. Foi só depois do nascimento dos cinco filhos que a serpente conseguiu persuadir Eva a comer o fruto da Árvore do Conhecimento, e Deus expulsou Adão e sua família do Jardim do Éden.

Quando amadureceram, os rapazes se casaram com suas irmãs gêmeas. Embora o incesto fosse proibido para Adão e seus descendentes, Deus fez uma exceção e permitiu que Caim e Abel despossassem suas irmãs a fim de perpetuar a espécie humana.

Apesar da intenção de Deus de que a espécie humana se dedicasse à agricultura, **Abel tornou-se pastor**, pois o solo fora amaldiçoado por causa do pecado de Adão. **Caim**, ao contrário, não se deixou intimidar por essa maldição; ele **se tornou lavrador da terra**.

3 – **Decorrido algum tempo**, Caim e Abel decidiram levar oferendas a Deus. **Caim**, sendo o primogênito, **levou** sua oferenda primeiro. Ele apresentou **frutos inferiores da** melhor espécie que estava cultivando na **terra**, o linho, **como oferenda para Deus**. Caim pensou que o importante fosse oferecer a melhor espécie possível, e que a qualidade da oferenda propriamente dita fosse algo secundário.

4 – **Abel também ofereceu dos primogênitos de seu rebanho, dos mais gordos**. Ao contrário de Caim, Abel inferiu que a espécie ofertada não era importante, e por isso não ofereceu algum dos animais mais impressionantes que criava – uma vaca ou um touro –, mas meramente uma ovelha. Ele achava que o importante era ofertar o melhor de qualquer espécie que fosse selecionada, e estava certo, então **Deus voltou Sua atenção para Abel e sua oferenda** – um fogo desceu do céu e a consumiu –,

5 – **mas para Caim e sua oferenda Ele não voltou Sua atenção**. Caim ficou profundamente magoado e sua face abateu-se. Mesmo depois de ver que Deus aceitara a oferta feita por Abel do melhor da espécie escolhida por ele para presentear, Caim teimosamente recusou-se a reconhecer que não agira bem. É verdade que ele já não estava no Jardim do Éden, e a atmosfera espiritual do mundo como um todo não era favorável ao arrependimento. Contudo, por ter nascido no Éden, Caim ainda retinha um resíduo e sua espiritualidade, e podia-se esperar que ele exercesse seu livre-arbítrio de maneira apropriada.

6 – Deus disse a Caim, consolando-o: **“Por que estás magoado? Por que tua face se abateu?”**

7 – **Afinal, se melhorares** tuas ações, **serás desculpado** do teu comportamento equivocado anterior. **Porém, se não te melhorares** durante a vida e nem te reabilitares, verás que **o teu pecado está agachado à porta** de tua sepultura, por assim dizer, e terás de ser purificado dele na vida após

a morte. Teu mau impulso incessantemente **anseia por ti**, procurando fazer-te pecar, **mas podes dominá-lo**". Todavia, Caim ainda se negava a admitir que agira mal.

8 – **Caim então teve uma discussão com seu irmão Abel, e sucedeu que, quando eles estavam no campo, Caim levantou-se contra seu irmão Abel e o matou.** Ele o apunhalou por todo o corpo, pois não sabia qual golpe seria fatal.

9 – Deus sabia o que tinha acontecido, porém, a fim de iniciar a conversa e dar a Caim a oportunidade de confessar seu pecado e arrepender-se, **Deus perguntou a Caim: "Onde está teu irmão Abel?"** Caim não aproveitou a chance que Deus lhe dava. **Ele respondeu: "Não sei. Acaso sou o guardião de meu irmão?!"**

10 – Deus disse: **"O que fizeste? A voz do sangue de teu irmão e do sangue das almas que poderiam ter sido de seus descendentes está clamando a Mim do solo!**

11 – **Então agora serás amaldiçoado** tendo de trabalhar o solo ainda com mais dificuldade do que já tens. O solo será amaldiçoado **mais do que o solo** já foi amaldiçoado, **porque** ele **abriu a boca para receber o sangue de teu irmão de tua mão.**

12 – **Quando trabalhares o solo, ele não mais te dará toda sua força fértil.** Ele produzirá para ti menos ainda do que antes. Ademais, **serás eternamente errante no mundo;** Eu não permitirei que te estabeleças em um lugar".

13 – Ao ouvir isso, **Caim** arrependeu-se um pouco e **disse a Deus: "É meu pecado grande demais para que Tu o possas suportar? Não podes relevá-lo?"**

14 – **Eis que hoje me expulsaste da face da terra – mas posso ocultar-me de Tua presença?! Serei eternamente errante no mundo, e, dos futuros habitantes da terra, qualquer um que me encontre me matará,** porque sabem que assassinei meu irmão, tornando-me sujeito à perna de morte. Além disso, dos animais, **qualquer um que me encontre me matará,** porque, quando pequei, minha imagem Divina foi diminuída, e os animais já não me temem".

15 – **Deus lhe disse: "Portanto,** uma vez que tens medo do que as pessoas farão, seja amplamente conhecido que **quem matar Caim** será punido! Ninguém deve incumbir-se de castigar Caim pelo seu pecado, pois esse pecado só **será vingado após sete gerações**". Para tornar público esse juramento, **Deus colocou uma marca** – uma letra do Seu Nome – **sobre a fronte de Caim, para que quem o encontrasse não o matasse.** Quanto ao temor que Caim sentia dos animais, **Deus colocou uma marca sobre Caim** – Ele restaurou sua imagem divina – **para que quem dentre os animais o encontrassem não o matasse.**

16 – Mas Caim não se arrependeu completamente, nem mesmo depois que Deus aplacou os seus temores. Assim, **Caim saiu da presença de Deus** fingindo humildade. Aonde quer que ele fosse, **a terra estremeceu** sob seus pés, e as pessoas diziam: "Ficai longe dele, pois ele matou seu irmão".

Ao invés de entrar pela terra como lhe fora ordenado, Caim **estabeleceu-se em Nod** [de nad, errante], **a leste do Éden**, onde seu pai, Adão, se assentara depois de ter sido expulso do Jardim do Éden. Deus designara esse local como um refúgio para assassinos, então Caim estava certo de que estaria seguro ali.

Descendentes de Caim

17 – **Caim conheceu sua mulher** – sua irmã gêmea – carnalmente, e **ela concebeu e deu à luz Enoch** [Chanoch, “educado”]. Caim desejava demonstrar que, apesar de Deus ter-lhe imposto a pena de ser eternamente errante, esse castigo não se estendia a sua descendência, que de fato poderia obter estabilidade e conforto neste mundo e contribuir na construção da civilização. Portanto, ele **tornou-se um construtor de cidades** e, com seus parentes, erigiu a primeira cidade. A fim de consolidar ainda mais a permanência de sua linhagem, **ele deu à cidade que construiu o nome de seu filho, Enoch**, para perpetuar a memória do filho depois que ele morresse.

18 – **De Enoch nasceu Irad; Irad gerou Mechuiael** [“eliminado por Deus”]; **Mechuiael gerou Metushael** [“extirpado por Deus”]; e **Metushael gerou Lemech**. Contrariando as esperanças de Caim, os nomes que seus descendentes escolheram para dar a seus filhos refletiam sua filosofia de vida cada vez mais antidivina.

Quinta Leitura 19 – Nessa época, os costumes da sociedade tinham degenerado a tal ponto que os homens estavam tratando como objeto a beleza feminina e despersonalizando as mulheres. Tornara-se habitual um homem desposar uma mulher unicamente pela beleza, para manter relações frequentes com ela, e uma segunda mulher com a qual teria filhos – a fim de cumprir seu dever de procriar – e que em seguida ignoraria. À primeira esposa dava-se um contraceptivo, para que sua beleza não fosse arruinada por gestações e partos. Em conformidade com esse costume, **Lemech casou-se com duas mulheres. O nome da primeira era Adá** [“afastada”]; esta era a esposa designada somente para a procriação, “afastada” da companhia diária do marido. **O nome da segunda era Tzilá** [de tzel, “sombra”]; ela era a esposa destinada apenas às relações carnis e, portanto, o acompanhava a todo lugar, estando desse modo sempre “à sombra dele”.

20 – **Adá deu à luz Iubal; ele foi o ancestral de todos aqueles que habitam em tendas e pascentam rebanhos**, periodicamente mudando de lugar em busca de novas pastagens para seus rebanhos. Ele foi o primeiro a construir templos para a adoração de ídolos.

21 – **O nome de seu irmão era Iubal; ele foi o ancestral de todos aqueles que tocam harpa e flauta com finalidades idólatras.**

22 – Embora tomasse contraceptivos, **Tzilá também deu à luz um filho, Tubal-Caim** [“o que aperfeiçoa (a arte de) Caim”], **que afiava todo utensílio de cobre e ferro**, fornecendo assim armas eficientes a assassinos. **A irmã de Tubal-Caim era Naamá** [“aprazível”], que desposou Noé.

Sexta Leitura 23 – Contando-se Caim como a primeira geração, Lemech foi a sexta, e seus filhos, a sétima. Assim que os filhos de Lemech nasceram, chegou a hora de vingar-se de Caim. No ano de 130 (ou um pouco antes), Deus novamente removeu a imagem Divina de Caim, dando-lhe aparência de um animal.

Lemech era cego, e seu filho Tubal-Caim o guiava. Certa vez, Tubal-Caim avistou Caim e assustou-se. Então ele disse a Lemech que atirasse uma flecha contra ele. Lemech assim fez e matou Caim. Quando soube o que tinha feito, Lemech bateu as palmas das mãos de tristeza, porém, com esse movimento, golpeou seu filho Tubal-Caim e também o matou. Suas esposas, furiosas, recusaram-se a coabitar com ele. **Lemech disse a suas mulheres: “Adá e Tzilá, ouvi a minha voz; mulheres de Lemech, escutai a minha fala. Acaso eu matei um homem [Caim] o ferindo e um menino [Tubal-Caim] o contundindo?! Acaso os matei intencionalmente?!**

24 – **Se Caim**, que cometeu assassinato, **seria vingado após sete gerações, então para Lemech**, que só cometeu homicídio sem intenção, o adiamento da punição por Deus **certamente deverá ser de muitas vezes sete** gerações! Portanto, não vos preocupeis, vossos filhos não serão punidos por minha causa”.

As mulheres de Lemech se negaram a coabitar com ele, uma vez que já tinham cumprido a exigência mínima de ter filhos, mas por outro motivo também: elas tinham conhecimento do juramento de Deus de punir Caim após sete gerações. Então supuseram, equivocadamente, que isso significasse que todos os seus filhos seriam mortos, e não desejavam ter mais filhos só para vê-los morrer. A isto, Lemech respondeu: [23] **“Acaso eu matei Abel”** – que era **um homem** em maturidade e **um menino** em anos de vida – **o ferindo e o contundindo**, para ter de ser punido?! [24] **Se Caim**, que assassinou Abel, **seria vingado após sete gerações, então para Lemech**, que não o assassinou, o adiamento da punição por Deus **certamente deverá ser de muitas vezes sete** gerações”! (Torá, pp. 21-25).

A Torá em sua totalidade necessita de estudos interpretativos, os quais estão preservados no Talmude que é composto pela Mishná (“repetição”), pelos Midrashim (“exegese”) e pela Guemará (“conclusão”). Muita coisa ainda se poderia dizer sobre a metodologia rabínica nas incursões no texto sagrado. Cobrindo o período que vai da criação do mundo até a morte de Moisés, estruturalmente, a Torá Escrita foi transcrita em rolos de pergami-

nhos de acordo com regras precisas concernentes aos materiais e tintas que historicamente mantiveram a redação exata, demonstrando as matizes do pensamento judaico.

A Torá propõe pressuposições acerca da realidade que o receptor de hoje considera curiosas, ou até mesmo anacrônicas; no entanto, a sua forma estrutural conceitual gera o conhecimento para o mundo moderno em muitas ocasiões.

A taxinomia das partes da Torá designa olhares acerca dos Conceitos, da Ciência, da Teoria do universo geocêntrico, da idade da Terra, da evolução dos seres vivos, da consciência das criaturas não humanas, da definição de anjos e demônios, da Arqueologia, da crítica textual, do Antropomorfismo, do martírio e esplendor do Povo Escolhido, da equivalência cultural com outras formas de vivência terreal, de igualdade entre homens e mulheres, da importância dos nomes, do estudo de suas terminologias e linguagens, da caridade, das regras, do arrependimento ou penitência, da pureza e da impureza como forma de deteriorização, do sacrifício, dos esponsais e finalmente sobre a vinda do Messias e da concepção de Deus (Torá, Introdução, pp. XVII - XXXIII).

Há na Cabala a prospecção dos sentidos conglomerados na dualidade dos termos Inveja e Ecologia, segundo o rabino Nilton Bonder (2010), em seu livro *A Cabala da Inveja*.

Atualmente, inúmeras incursões são realizadas na tentativa de refletir sobre “ecologia da mente e do coração”. Elas reconhecem, acima de tudo, que uma mente ou um coração pode tornar-se depósito de elementos poluentes que não desaparecem com o tempo – não são degradáveis. Tanto a ingenuidade nata do coração como a da mente podem acumular suficientes dejetos de experiências de não amor, frustração, violência, traição ou falsidade de forma a criar condições que não possibilitem a nosso sistema vital processá-los. Surgem assim ódios e conflitos que não são transformados, que permanecem em seu estado original sem permitir reciclagens. São, em geral, ódios calcados em raciocínios e estruturas de lógica ou sentimento que se antecipem à nossa consciência. Criam, dessa forma, ideologias ou justificativas que buscam dar razão a quem já a tem.

Nesta instância, é possível cogitar, “Eu não tenho razão?”, perguntamos com um certo ar simiesco. Afinal, nossa sobrevivência como espécie está não apenas na habilidade de competir, mas, acima de tudo, de justificar nossos atos. As justificativas, muito mais do que os impulsos, são não degradáveis. Ou realizamos limpezas estruturais de tempos em tempos, permitindo-nos crises ou “sacudidas”, ou nossas mentes e corações se tornam saturados e incapazes de produzir “solo fértil” para pensamentos e sentimentos. Esse empobrecimento generalizado da qualidade do pensamento e do sentimento por asfixia causada pelos preconceitos tem consequências desastrosas (Bonder, 2010, p. 31).

Dessa forma muitos, portanto, são os que sucumbem à poluição e regridem ao estado animal puro, conseguindo apenas realizar operações triviais de pensamento e sentimento. São simplórios aprisionados ao que acreditam “ter razão”, como se houvesse algo absoluto por si próprio, como uma razão cósmica escondida em algum registro universal. Confundem, desta forma, justiça divina com o maniqueísmo de sua própria visão do mundo. Acreditam que há certo e errado e não certos e errados que podem, em dadas condições, inverter as polaridades – certos passam a errados e errados a certo. Tornam-se religiosos, na sua maioria idolatras – endeusam o que “tem razão”, o “que é certo” (Bonder, 2010, p. 19 e ss).

Por conseguinte esta idolatria do “correto”, do “justo”, é o habitat ideal para o desenvolvimento da inveja. No entanto, a mente e o coração são apenas hospedeiros desta poluição, que acaba sendo extravasada para o mundo da interação e o mundo da realidade onde vivemos. O momento inicial da História humana em que transborda esta poluição é registrado com dramaticidade no relato de Caim e Abel. Tivesse Caim matado Abel por necessidade, ou mesmo por ciúme, não teria a passagem a importância que tem como registro. É por ser uma história de inveja que esta se torna fundamental. Os rabinos explicam por que é este um relato de inveja, ao contestar a pergunta de um discípulo:

D’us perguntou a Caim por que tinha “caído sua face” (*Gên.* 46). Afinal, o que esperava como reação de Caim? Por que não lhe cairia a face, uma vez que Ele, D’us, não aceitou sua oferenda? Responderam: “D’us perguntou a Caim: Por que caiu tua face? Por que aceitei tua oferenda, ou por que aceitei a de teu irmão?”. Midrash Rabba (*Gênesis*) (Bonder, 2010, pp. 32-33).

Neste clima, estar desesperado, com o rosto caído, não por fracassar, mas pelo sucesso do outro, é a descrição da dor da inveja. Dizemos: “Estou morrendo de inveja”. Morro para não matar de inveja (ver sobre Moisés anteriormente). Caim não tinha ainda internalizado esta inversão psíquica e optou por matar, em vez de “morrer”. Neste instante, portanto, extravasava o primeiro ato antiecológico da mente e do coração humanos. Esta era a primeira vez que a vontade de ter suplantava a vontade de ser. Erradicar aquele de quem a oferenda é aceita passava a ser mais importante que o prazer de experimentar ter sua própria oferenda aceita. Estava sacramentada, naquele instante, a saída do paraíso, pois realizara-se o primeiro ciclo completo de poluição pela “razão”. A Árvore da Sabedoria havia provido o ser humano de sustentação psíquica, para que desejasse não o objeto de seu desejo, mas a eliminação daquilo que simbolizava um empecilho ao seu desejo. Ansiava por este símbolo mais do que pelo próprio desejo. O ser humano passava a querer ter mais do que querer ser. Assegurar-se passava a ser mais importante do que se sentir seguro.

A noção agora é quão real é esta situação nos casos de ambição desenfreada, ou mesmo nos pequenos gestos destruidores de nosso cotidiano. Melhor um pássaro não mão do que dois voando apenas se estivermos com fome. Caso contrário, é melhor dois pássaros voando. Difícil nos é compreender que o fato de quisermos eliminar a fome tendo pássaros nas mãos quando não estamos famintos é um ato de inveja. Por conseguinte, este é o quantum, a unidade reduzida da inveja simbolizar a possibilidade de ter a experiência de ser ou sentir.

Os entraves de harmonia e equilíbrio de nosso mundo relacionam-se diretamente com esta questão. Sociedades mais consumistas são, sem sombra de dúvida, sociedades mais invejosas e mais desejosas de ter. Investem sua energia de ser, sua vida para adquirir sua própria enceradeira. Cada prédio poderia ter uma única enceradeira coletiva, porém o desejo de ter a enceradeira própria é consequência da descoberta publicitária de que a inveja é um sentimento humano intenso e poderoso. A própria serpente, a quem se atribui a expulsão do paraíso, além de ser um símbolo da inveja, é movida pela própria inveja. Mobilizamos a partir da inveja, por assim dizer, grandes energias para a destruição deste planeta. Ou, sob outro ângulo, poderíamos retornar à Melanie Klein e observar as implicações da inveja sobre o meio ambiente. Segundo Klein, a inveja se instaura na ansiedade primeva relativa ao seio materno. Este seio que é visto como um “objeto bom” é, ao mesmo tempo, responsável por muita crueldade, ao privar ou não gratificar alguém como o esperado. O ato de invejar se originaria então do direcionamento de impulsos destrutivos a este seio. Ou, se nos for permitida a metáfora, as questões ecológicas dizem respeito à nossa dificuldade de lidar com o grande seio da Mãe-Terra, que nos sustenta. Nós a amamos, mas realizamos ataques sádicos a seu seio. Invejamos, portanto, nosso meio ambiente, e por isto queremos tanto dele, em vez de experimentarmos ou sentirmos o que vem dele.

Essas posturas do tipo “jogo de pôquer” têm origem nestes sentimentos. O rabino Zalman Schachter expressou o sentimento de inveja como uma síndrome de “jogo de pôquer”. O que ocorre neste jogo? Cada um procura esconder seu jogo do outro. Ganhar está relacionado ao fato de o outro perder, e maior será o prazer da vitória se o outro perder por um blefe. No blefe, isola-se um elemento sádico que é o grande causador do desequilíbrio ecológico. Isto porque a vitória, a superação do adversário e o prêmio da vitória tornam-se irrisórios diante da derrota pessoal do opositor.

Intrigante é observar que o destinatário da mensagem da Torá é o povo judeu, no entanto neste estudo a neutralidade, ou melhor o distanciamento devocional será pretendido em favor de uma apropriação do tema Caim e Abel como exemplário do conflito familiar.

Para tanto segue-se o capítulo “Caim e Abel” em sua totalidade para o estabelecimento da questão, “A Cabala da Inveja”.

Já serve para a utilização da Torá para situar a questão inveja/irmão em dois tempos sincrônicos: a sincronia da utilização da Gênese judaica e diacronia da postura da questão nos dias de hoje.

A família, chez Friedrich Engels, além da consanguinidade é designada por outras nomeações: As designações “pai”, “filho”, “irmão”, “irmã” não são simples títulos honoríficos, mas o contrário, implicam em sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos [...] (Engels, s.d., p. 27).

Concomitantemente, as relações sociais implicam nas relações psico/afetivas, no caso dos irmãos Caim/Abel e a tutela do Deus desafiador.

Jogos deste tipo expõem padrões de não cooperativismo que se sustentam na inveja e fomentam rixas. O prazer derivado destas rixas deturpa o instinto de buscar-se, de curtir ou de experimentar, instaurando o desejo de ter. O jogador passa a jogar não mais por jogar, nem sequer para ganhar, mas para que o outro perca. O fato de o outro perder é mais prazeroso do que ele próprio ganhar. “A inveja faz do ser humano um inigualável predador. Não apenas a cobiça e a ambição atuam no sentido da dilapidação dos recursos naturais; a ideologia de ter para que o outro não tenha é também elemento fundamental no estabelecimento de grandes discrepâncias na destruição destes recursos” (Bonder, 2010, p. 35).

Contribuindo para essa série de argumentações cabalísticas e rabínicas de alguns excertos são providências para a abordagem literária/religiosa da questão genésica da inveja fraternal:

“Nem todos se contentam com a sua aparência, mas todos se contentam com seu cérebro” (Provérbio iídiche).

“As palavras devem ser pesadas e não contadas” (Provérbio iídiche).

“Os rabinos ensinaram: há quatro tipos de pessoas que ninguém tolera: um podre que é ignorante; um rico que bajula; um ancião luxurioso e um líder que governa sua comunidade sem causa” (Talmude, Bab., Pess. 113b).

E assim, para não dizer o contrário, a inveja que matou Abel fez de Caim o símbolo da humanidade contando-se o Bem o Mal que a cabala da inveja distingue. SHALOM!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albernaz, P. L. M. (2005). *Em busca de Deus: uma visão pessoal do Judaísmo*. São Paulo: Ágora.
- Asheri, M. (1995). *O Judaísmo vivo: as tradições, e as leis dos judeus praticantes* (2ª ed. Revisada). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento*, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo (1962). Volume I. Rio de Janeiro: Livros do Brasil.
- Bonder, N. (2010). *A Cabala da inveja*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dawkins, R. (2009). *A Grande História da Evolução* (com a colaboração de Yan Wong; tradução de Laura Teixeira Motta). São Paulo: Companhia das Letras.
- Engels, F. (s.d.). *A origem da família. De propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória.
- Gil, F. (1984). *Mimésis e Navegação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Hazan, G. (2008). *Filosofia do Judaísmo em Abraham Joshua Heschel: Consciência religiosa, condição humana e Deus*. São Paulo: Perspectiva.
- Saramago, J. (2009). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Torá: Chumash Bereshit, Gênesis* (2013). Compilação e adaptação Moshe Wisnefsky; tradução Claudia Malbergier Caon). São Paulo: Centro Judaico Bait.

## RESUMO

Este estudo parte do episódio genesíaco de Caim e Abel relatado na Sagrada Torá. O que se vê é que as isotopias básicas são mantidas no Velho Testamento da Bíblia cristã; no entanto há elementos disjuntivos interessantes, em razão de o episódio ser mais longamente disposto. Em seguida, através de uma pesquisa numa “beitsêfer” (livraria judaica) foi encontrado um livro do respeitado rabino Nilton Bonder que trata da Cabala da Inveja, no qual este sentimento negativo é tratado dentro dos pressupostos cabalísticos dando uma visão mais moderna do programa narrativo do conflito familiar.

## ABSTRACT

This study departs from the book of Genesis episode of Cain and Abel reported in the Holy Torah. The basic isotopies are maintained in the Old Testament of the Christian Bible; however there are interesting disjunctive elements, because of the episode is longer. Then, through a search on a “beitsêfer” (Jewish bookstore) we found a book of the respected Rabbi Nilton Bonder dealing with the Kabbalah of Envy, in which this negative sentiment is treated within the Kabbalistic assumptions giving a more modern view of the family conflict narrative.